



«MORTE À PIDE!»

A QUEDA DA POLÍCIA POLÍTICA
DO ESTADO NOVO

ANTÓNIO ARAÚJO

«MORTE À PIDE!»

A QUEDA DA POLÍCIA POLÍTICA
DO ESTADO NOVO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

© 2019, António Araújo
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: «*Morte à PIDE!*» — *A queda da
polícia política do Estado Novo*
Autor: António Araújo
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares),
sobre fotografia de Alfredo Cunha

1.ª edição: Junho de 2019

ISBN: 978-989-671-493-2
Depósito Legal n.º 456184/19

Por ocasião do 45.º aniversário do 25 de Abril, considerou-se oportuno republicar o texto «A queda da PIDE/DGS: narrativa de um passado recente», que saiu originalmente na revista *Atlântico*, n.º 5, de 28 de Julho de 2005, e n.º 6, de 6 de Setembro de 2005, e agora é dado à estampa numa versão substancialmente aumentada e actualizada.

Lisboa, Janeiro de 2019

A todos e aos seus familiares, desejamos um feliz Ano Novo.
Fernando Silva Pais, director da DGS,
Ordem de Serviço de Janeiro de 1974

O que vai ser de nós, que lhe farão ainda por cima?
O contentamento da malta!
Armanda Silva Pais, anotação no
diário pessoal, em 25 de Abril de 1974

Quando um regime muda, é da história os outros serem presos.
Annie Silva Pais, declarações à mãe,
em Dezembro de 1974

ÍNDICE

O dia inicial inteiro e limpo	13
A ocupação da sede da PIDE/DGS e a «caça aos pides»	39
A sede da DGS nas rotas do turismo revolucionário	59
«Fiquei espantado com o que vi»	73
«Pides na grelha»	85
«Mãozinha de reça»: a fuga de Alcoentre	97
O «Relatório das Sevícias»	115
A «Solução Otelo» e a justiça pós-revolucionária	123
Notas	151

O DIA INICIAL INTEIRO E LIMPO

Tornou-se um lugar-comum descrever o 25 de Abril de 1974 como uma revolução *sui generis*, sem derramamentos de sangue nem violências. O carácter pacífico dos acontecimentos revolucionários teve mesmo expressão simbólica nas flores postas por soldados e populares nos canos das espingardas que se mantiveram silenciosas durante todo o golpe militar. A imagem da «revolução dos cravos» correu mundo. Dois jornalistas espanhóis diriam que Portugal passou de «um lugar de escravos a uma pátria de cravos»¹. Tratou-se de uma «branda revolução», observará, dez anos mais tarde, Willy Brandt². O historiador Kenneth Maxwell afirmava ter sido «uma revolução asseada»³; mas, cauteloso, não deixou também de avisar que «as flores murcham depressa». Nas páginas do suíço *Le Courier* escrevia-se que «o golpe de Estado que ontem se viveu em Portugal não tem igual nos anais da História»⁴. A *Time*, por seu turno, falou num golpe «quase sem derramamento de sangue»⁵ e a *Newsweek* num «cavalheiresco golpe de Estado em Portugal», sublinhando que «mal se disparou um tiro»⁶. Pese a diferença da forma, o que diziam estas prestigiadas publicações norte-americanas pouco diferia do que escreveu, por essa altura, uma criança portuguesa de 11 anos, Custódio Joaquim da Silva, numa redacção intitulada «Como eu vejo o 25 de Abril»:

O 25 de Abril tem cravos vermelhos nas espingardas.
Não ouvi tiros.

Toda a gente estava contente.

Eu não quero que se acabe o 25 de Abril.⁷

Porém, como todos os lugares-comuns, a ideia de uma revolução sem sangue só parcialmente é verdadeira⁸. Sem falar nas mortes ocorridas durante o chamado «PREC» («Processo Revolucionário em Curso»), o dia 25 de Abril é marcado pelo desaparecimento de cinco pessoas⁹. Um dos mortos tinha 17 anos de idade. Chamava-se Fernando Carvalho Giesteira, era natural de Montalegre, empregado de mesa da *boîte* Cova da Onça, e vivia na Pensão Flor, ao Areiro. Outro era José James Hartley Barneto, de 38 anos, casado, pai de quatro filhos, natural de Vendas Novas, escriturário do Grémio Nacional dos Industriais de Confeitaria, morador na Avenida João Branco Nuncio, n.º 7, 1.º andar, na Flamenga. Faleceram ainda João Guilherme Rego Arruda, de 20 anos, natural dos Açores, estudante do segundo ano de Filosofia, morador na Avenida Casal Ribeiro, n.º 21, 5.º andar¹⁰, e Fernando Luís Barreiros dos Reis, de 23 anos, natural de Lisboa, casado, soldado da 1.ª Companhia Disciplinar, em Penamacor, que se encontrava de férias na capital e que seria o único militar a morrer durante a revolução¹¹. Na manhã seguinte, as televisões filmaram o sangue espalhado no chão e as marcas de balas nos automóveis e, dias mais tarde, exibiram imagens dos funerais das vítimas, a que compareceram muitos cidadãos anónimos¹².

Houve ainda um outro morto, esse menos falado: tratava-se de um elemento da Direcção-Geral de Segurança (DGS), o servente António Lage, de 32 anos, que não exercia funções policiais. Foi baleado às 21h25, quando saía da sede da corporação e, provavelmente aterrorizado pelos populares, tentou fugir a correr¹³. O servente Lage, que se encontrava a ser revistado pelos militares e procurou escapar num momento de pânico, foi o único «pide» a morrer. Ocupava o escalão mais baixo na estru-

tura hierárquica da DGS. Diz-se que a multidão impediu que fosse evacuado do local pelos bombeiros, aos gritos de «Os pides morrem na rua!»¹⁴.

Os jovens manifestantes foram mortos cerca das 20h10 do dia 25 de Abril por balas disparadas a partir da sede da DGS, na Rua António Maria Cardoso, n.º 20, cantada em versos de Zeca Afonso: «Na Rua António Maria / da primaz instituição / vive a maior confraria / desta válida nação»¹⁵. Aos microfones do Rádio Clube Português, Júlio Isidro noticia que se registaram «incidentes» na Rua António Maria Cardoso pelas 20h30, tendo sido feridas algumas pessoas. «Aguarda-se a todo o tempo a intervenção das Forças Armadas» — comentou Isidro, aproveitando para acrescentar que «estes incidentes vêm mais uma vez confirmar a necessidade de a população civil cumprir o pedido formulado pelo Movimento das Forças Armadas».

Por ocasião do vigésimo aniversário do 25 de Abril, dois feridos na altura recordaram os incidentes em depoimentos prestados à estação de rádio TSF¹⁶. O primeiro, Armando Lopes Afonso, tinha 17 anos e foi ferido com duas balas nas costas. Na manhã de 25 de Abril de 1974, apresentara-se para trabalhar no estabelecimento Eduardo Martins, no Chiado, mas disseram-lhe que nesse dia não se trabalhava. Aproveitou esta inesperada folga revolucionária para acompanhar o movimento nas ruas e, a dado passo, deslocou-se à sede da PIDE/DGS:

Sempre a fazer barulho: «Vamos à PIDE, vamos à PIDE!» Pronto, eu ia com eles. Eles iam à PIDE nem sei fazer o quê. Não sabia o que é que eles iam fazer à PIDE, nem sabia o que era a PIDE. Vamos, vamos embora. Aquilo era a rua cheia de gente. Fomos todos. Bom, entrámos na Rua António Maria Cardoso todos a fazer barulho e a gritar *slogans* «Abaixo a PIDE» e mais isto e mais aquilo. Eu ia mais ou menos aí a meio da rua e a malta da frente, aqueles que iam na frente, quando

chegaram lá, agarravam nos automóveis que a PIDE tinha lá, aqueles automóveis do Estado, pretos, e viravam-nos ao contrário. Fizeram-lhes muita coisa. Com pedras a mandarem, partiram-lhes os vidros e estivemos nisto para aí uns dez minutos até que de repente eles chegaram à varanda e foi de rajada. Também um irmão meu ia próximo de mim na manifestação. Só que eles dispararam contra o pessoal que estava no meio da manifestação, no meio da rua — mais ou menos para meio, pronto —, o que não deviam ter feito, mas quem estava a fazer mal não era os que estavam a meio, era os que estavam lá à frente, precisamente a acicatá-los, a puxá-los, a falar directamente com eles, a chamar-lhes «bandidos», isto e aquilo... e mais nomes que eu não digo, não é? Eu mandei-me para o chão e outras pessoas também entraram em pânico e fugiram cada uma para onde pôde, para o lado oposto da rua, para o pé do Teatro São Luiz, e eu no meio disto tudo fui atingido, fui atingido por duas balas, ao fundo das costas, do lado esquerdo e do lado direito também, aí pela altura dos rins.¹⁷

Eloquente é ainda o testemunho de Armindo Oliveira, que na altura tinha 16 anos e também foi baleado:

Estamos na António Maria Cardoso e começo a ver pessoal a apanhar pedras da calçada do passeio. A apanhar pedras e tal... e a mandar. Os que iam mais à frente iam a mandar pedras para um edifício que eu soube depois que era o edifício da PIDE. Eu quando entrei naquela coluna até nem percebi porque é que estavam a mandar pedras, para onde, não havia ali ninguém. Então, conforme fui entrando na coluna fui perguntando. «Eh pá, ali é onde está a PIDE. Eles estão lá. Estás a ver lá em cima na janela eles de G-3?» E quando os da frente, a rapaziada que ia à frente, já estava muito perto da porta, começa-se a ouvir disparos. Portanto, a PIDE temeu aquela multidão e começou a disparar con-

tra a multidão. Aquelas rajadas de metralhadora características: «Tá-tá-tá!» O pessoal com pedras não valia nada. Ainda por cima desprotegidos ali no meio da rua. A rua estava repleta de multidão. Na fuga, as balas vinham atrás de nós e cada um tentou esconder-se onde podia, não é? Alguns fugiram para trás de carros, outros para dentro das escadas que havia assim ali algumas, e eu, portanto, saí do meio da estrada e encostei-me ao passeio do lado direito de quem vem a sair para o lado do Chiado. Fui para o passeio. Mas o passeio às duas por três começou a ser pequeno. Entretanto, as pessoas foram-se atropelando e algumas caíram. Quando caíram... pronto, alguns estavam ali estendidos no chão e eu também não conseguia passar e a única maneira de me resguardar dos tiros foi mandar-me para o chão e encolher-me o máximo possível e quando eu estava deitado no chão é que fui atingido. Não vi sangue. Senti uma queimadura na perna, ao nível da bacia, junto à bacia. O que é que eu pensei? Já me atingiram! Pá, qual é a gravidade? Tentei aperceber-me da gravidade do ferimento. Pus a mão e vi que tinha sangue. Sangrava e não consegui ver mais nada porque era na nádega, não é?¹⁸

Obviamente, a versão apresentada na mesma altura por Óscar Cardoso, antigo elemento da PIDE/DGS, é algo diversa:

O meu director-geral, o senhor major Silva Pais, deu-nos ordens para dispersar a população atirando tiros para o ar. [...] Eu não atirei tiros para ninguém. A PIDE não atirou deliberadamente tiros para ninguém e a ordem do senhor director-geral foi atirar para o ar [...]. Nós não deixámos que aquelas pessoas entrassem dentro da PIDE por muitas razões. Uma delas era a seguinte: nós tínhamos dentro do edifício da PIDE/DGS uma estação de serviço, para abastecer as nossas viaturas, e tínhamos milhares de litros de gasolina [...]. Os senhores já viram se essa gente entrasse lá dentro e queimasse o edifício eles seriam as

primeiras vítimas de uma grande explosão. E, além do mais, os milhares de litros que nós tínhamos nos nossos reservatórios de gasolina eram suficientes para fazer ir pelo menos meio Chiado pelo ar, se não totalmente. E depois o incêndio que não seria! Façam a ideia de que se nós não tivéssemos tido o sangue-frio de afastar aquelas pessoas o que teria acontecido...

Corroborando o depoimento de Silva Pais à Comissão de Extinção da PIDE/DGS, em Maio de 1974¹⁹, que também falara na ordem de disparar para o ar, Óscar Cardoso só não explica como é que os tiros da DGS, atirados para os céus de Lisboa, acabaram por matar dois civis que estavam na rua²⁰; não esconde, no entanto, que talvez «um ou outro agente, mais nervoso ou mais atemorizado com a situação, tenha atirado para baixo»²¹. O nervosismo desses agentes custaria a vida a quatro pessoas.

Às centenas, os populares iam acompanhando a queda do último bastião do regime, desrespeitando os repetidos apelos do Movimento das Forças Armadas (MFA) para que permanecessem nas suas casas. Provavelmente, só um cidadão cumpriu as determinações do MFA e recolheu ao lar. Chamava-se Jorge Fernando Branco de Sampaio²². Ao invés, Maria Filomena Mónica dirigiu-se de imediato ao local dos acontecimentos, na companhia de Vasco Pulido Valente. No Chiado, encontrou rapazes envergando calças à boca de sino, com casacos de grandes abas, que abraçavam meninas de cabelos ao vento; uns e outros gritavam «Viva a Liberdade». Junto à loja Paris em Lisboa, um soldado de arma em riste falava com um miúdo. Já perto de O Último Figurino, uma idosa, muito idosa, contemplava com espanto e surpresa um tanque estacionado na esquina da Rua Garrett. Ao princípio da tarde, Maria Filomena Mónica foi até à sede da PIDE mas, «ao contrário do que se passaria algumas horas depois, quando os polícias alvejaram a multidão, reinava a paz dos sepulcros». Recolheu então ao Gabinete de Investigações

Sociais, onde foi informada pelo colega César Oliveira que a insurreição «era de esquerda». Antes de jantar, insistiu em passar por casa para, em homenagem aos capitães, calçar um par de botas²³.

Também Juvenal Esteves, catedrático da Faculdade de Medicina que morava nas imediações do Chiado, foi no dia 25 ver as vistas da revolução. No Largo das Duas Igrejas deparou, estupefacto, com um casal de noivos e seus acompanhantes, à porta da Igreja da Encarnação, que se faziam fotografar a poucos metros de um blindado do Exército, como se nada fosse. Já em casa, ouviria as rajadas de tiros na António Maria Cardoso e, tempos depois, presenciou as actividades venatórias:

A «caça aos pides» durou alguns dias. Um princípio de anoitecer ao regressar a casa deparei com uma imensa multidão no Largo de Camões. Olhava fixamente para o telhado da Igreja do Loreto, profusamente iluminado por projectores. Constava que um pide se refugiara nos telhados. Encontrei um jovem colega a quem interroguei acerca da sua presença no momento. «Venho mostrar às minhas filhas o que será possivelmente um espectáculo único nas suas vidas!» Reobservei o panorama humano. Reinava intensa expectativa. Despedi-me pouco depois. Informaram-me posteriormente que, ao fim de longas horas de observação e pesquisa, a que a multidão assistiu firme, o pide não aparecera!²⁴

O escritor Luiz Pacheco andou por perto dos acontecimentos, vindo de Queluz ainda vestido de pijama, com um sobretudo por cima. No caminho, viu as lojas a fechar enquanto ocorriam tentativas de açambarcamento («uma data de tontos a abastecerem-se para o ano todo... oiço que um tal comprou mais de cem pães»). Rostos temerosos assomavam às cortinas das janelas e, nas Portas de Benfica, «fila de carros a safarem-se, comércio encerrado,

mulheres com sacos de plástico cheios, tensão». Numa taberna da Praça do Chile, um freguês pediu oito maços de tabaco enquanto nos quiosques todos procuravam comprar os jornais do dia. A custo, Pacheco chegou ao epicentro das hostilidades, ouviu barulhos de balas: «Avanço para a linha de fogo, que não sei onde é. Metros andados, ouvem-se ao longe tiros e rajadas de metralhadora. Tipos que fogem. Mas onde será o tiroteio? Como a coisa parou, continuo a andar.» Passou então pelo Bairro Alto, tentou entrar na redacção do *República*. No Terreiro do Paço teve de se abrigar nas arcadas devido à chuva que caía. Encontrou aí uma amiga, uma engenheira química de nome Maria João, acompanhada de um rapaz. Dirigiram-se então ao Camões, «mas o Chiado está cheio de gente, que quer assaltar a Pide. Já não sei se ouvi tiros. Vi ainda as (uma?) ambulâncias, depois quase à porta da Brasileira um rapaz ou homem com a mão cheia de sangue (seco?), que tinha agarrado num rapaz ou rapariga. Começam a chegar fuzileiros, há mais correrias, a Maria João e o rapaz perderam-se de mim. Cheira-me que já chega». Pacheco apanhou um táxi para casa e assistiu ao resto dos acontecimentos pela televisão. «Foi bonito e foi rápido. Já posso morrer mais descansadinho», concluiu²⁵.

Na manhã de 25, os clientes da Brasileira do Chiado estranharam a ausência de agentes da PIDE, habitualmente presentes no local em vigilância de oposicionistas²⁶. Cerca das 13 horas, vários manifestantes fizeram uma primeira e espontânea investida sobre a sede da DGS, entoando o hino nacional e aos gritos de «Assa-ssi-nos! Assa-ssi-nos!», mas foram recebidos a tiros, que na altura provocaram cinco feridos²⁷. Encontrando-se na clandestinidade, Zita Seabra determina ao sector estudantil da União dos Estudantes Comunistas, através de Sita Valles e de outros activistas que se encontravam em casa de Domingos Lopes, que se encaminhem o mais rapidamente possível à António Maria Cardoso e a Caxias, para exigir a libertação dos presos

e evitar que sobre estes fossem exercidas represálias²⁸. Também na clandestinidade, Raimundo Narciso exorta a companheira, por telefone: «Assaltem a PIDE! Assaltem a PIDE! A PIDE é absolutamente essencial.»²⁹ Uma jovem comunista acerca-se do capitão Luz, que se mostrava preocupado com a existência de agentes da PIDE nos telhados, e declarou, decidida: «Somos quase duzentos, estamos armados e dispostos a ajudar-vos... Disponha de nós.» Luz pediu auxílio no controlo das coberturas dos edifícios, o que de imediato foi feito³⁰.

Por seu turno, os civis Pedro Coelho e João Barroso Soares avisaram Salgueiro Maia de que era fundamental avançar sobre a António Maria Cardoso³¹. Os relatos radiofónicos feitos na altura permitiam ouvir, entre tiros e a vozearia dos populares, gritos como: «Há gajos da PIDE nos telhados!» O repórter que se encontrava no local confessaria, em dado momento, que tudo aparentava «um ar de opereta», e um militar do MFA, estacionado com as suas tropas no Largo da Misericórdia, teria o seguinte desabafo: «A nossa posição é um tanto ou quanto ridícula.»³² Nos microfones da rádio, ouvem-se tiros e alguns civis dizem «a malta foi lá à PIDE», mas os agentes sitiados começaram por lançar um cão feroz sobre os assaltantes e acabaram a disparar sobre os bravos da António Maria Cardoso³³. O temor da PIDE/DGS não era de todo injustificado. Sintomaticamente, já depois da rendição de Marcello Caetano, Spínola não assomou à janela do Quartel do Carmo, como reclamava a multidão, pois havia o receio de ser alvejado por um atirador furtivo da DGS³⁴. Não correria, às nove horas da manhã desse dia, o boato de que o general tinha sido preso? E não correria também o boato, de que a imprensa fez eco³⁵, de que no Chiado fora descoberta uma caixa armadilhada, ali deixada por agentes da DGS? Fora do domínio do boato e da ficção, um facto nem sempre referido: à saída do Quartel do Carmo, já depois da rendição de Caetano, o automóvel em que viajava Spínola

foi apedrejado com violência e os estilhaços do vidro traseiro atingiram um dos passageiros, o tenente-coronel Dias de Lima, a crer no testemunho de outro dos passageiros dessa viatura, Carlos Alexandre de Morais, que atribuiu o incidente ao erro de alguns manifestantes, que julgaram que aí eram transportados, sob escolta, elementos da DGS³⁶.

Um popular, que se encontrava no Carmo no 25 de Abril, recorda assim o avanço sobre a sede da DGS: «Da parte da tarde, um tipo disse: ‘Como é, pessoal? Estamos aqui todos parados? Vamos lá abaixo à António Maria Cardoso, aqueles gajos estão lá dentro...’, e lá fomos por ali abaixo. Vaiou-se os pides e lançaram-se umas pedras. Em determinada altura, eles começam a disparar, cai gente. Desci as escadinhas de São Francisco, que nem sabia quantos degraus eram.»³⁷ Se o número de degraus das escadinhas de São Francisco é irrelevante, o mesmo se não dirá do gesto de avançar sobre a sede da PIDE, que, a par da aglomeração frente à Prisão de Caxias, já foi considerado como «a grande atitude política dos populares nesse dia 25 de Abril»³⁸. Num livro publicado em 1976, disse-se que a precipitação dos populares sobre a sede da PIDE/DGS acabou por condicionar de forma irreversível as novas autoridades, impedindo-as de procederem a uma *transição suave* que, de uma forma mais ou menos velada, implicasse a manutenção da antiga polícia política:

A multidão, cercado a polícia política dentro dos seus edifícios e decidida a fazê-la passar um mau bocado, obrigara-a a sair da «neutralidade» na qual ela esperava mudar de patrão, e os fuzileiros navais a tomar partido contra a polícia. O enfraquecimento do novo Estado começava antes da sua fundação. Foram os trabalhadores e os soldados quem deste modo recusou desde o início as condições que Spínola e os generais de direita tinham posto para a sua adesão ao golpe dos capitães: a continuidade do Estado, ou seja da sua polícia (da mesma forma, só deveriam

ser libertados os prisioneiros políticos estalinistas e socialistas). Finalmente, os torcionários da PIDE tiveram que ser salvos do ódio das massas, pela prisão.³⁹

A interpretação segundo a qual foi o «povo» a impedir o sucesso de uma conspiração de Spínola e dos «generais de direita» tendente a proteger a DGS pode ter fundamento, mas importa lembrar que os populares só tiveram tempo — e espaço — para avançar porque o edifício-sede da polícia política nunca foi um objectivo primordial na estratégia do MFA⁴⁰. Os «capitães de Abril» entenderam que não era nuclear, nem prudente, a tomada da António Maria Cardoso⁴¹, sem que Spínola ou Costa Gomes — ou os «generais de direita» — tenham tido a mínima interferência nessa opção. Otelo Saraiva de Carvalho, aliás, reconhecerá abertamente, poucos dias depois do 25 de Abril, que fora mais avisado não atacar de imediato a sede da DGS:

Eu parti do princípio de que, se tivesse sido um objectivo de atacar imediatamente, os elementos da D.G.S. teriam respondido. Tirei esta lição do caso das Caldas, pois nessa altura os elementos que estavam na primeira linha de barragem contra a coluna que vinha das Caldas eram da D.G.S. Tratava-se de rapazotes à paisana, armados de pistola e metralhadora, e que seriam os primeiros a disparar contra a coluna, quando ela aparecesse⁴². Portanto isso deu a sensação de que, de todas as forças que se nos podiam opor, a D.G.S. talvez fosse a mais activa. E eu pensei que, se houvesse essa reacção por parte da D.G.S. — como realmente veio a verificar-se em relação à população —, esses elementos armados disparassem mesmo e houvesse ali troca de tiros e sangue. Ora, a minha intenção principal era fazer uma revolução sem sangue. Pensei então que, deixando correr a situação, talvez ela se inclinasse decisivamente a nosso favor, e a D.G.S. acabasse por cair por si, até se entregar nas nossas

mãos. Claro, havia o perigo, como de facto existiu a princípio, de elementos da D.G.S. fugirem, desaparecerem da circulação, o que impossibilitou a captura de todos. Mas, praticamente, os que estavam cá apresentaram-se todos, e só estão fora nove elementos, muitos dos quais, no 25 de Abril, se encontravam no estrangeiro, como é o caso de Barbieri Cardoso, que estava em Paris⁴⁵. E [...] depois eram os próprios elementos da D.G.S. que nos pediam a nós para ir lá buscá-los, com receio de que a população os linchasse.⁴⁴

Noutros depoimentos, Otelo Saraiva de Carvalho afirmou que a PIDE/DGS não era um alvo prioritário devido, em larga medida, ao facto de o MFA possuir poucas informações sobre ela. Num colóquio realizado por ocasião do trigésimo aniversário do 25 de Abril, confessou desconhecer sequer quais os meios de que a DGS dispunha: «Eu não sabia o que era a Legião, não sabia o que era a PIDE, a PSP ou a Guarda Nacional Republicana... O que valiam em termos de efectivos, de meios, de capacidade de intervenção, as forças que se oporiam às forças do Movimento.»⁴⁵ Os escassos elementos que Otelo possuía foram-lhe facultados pelo major Rosa Garoupa⁴⁶. Através de Silva Graça, recebeu ainda um tosco *croquis* do interior do Forte de Caxias, desenhado por Jorge Sampaio, que lho fizera chegar «cheio de pânico e recomendações»⁴⁷, na fase de preparação do golpe que, muitos anos volvidos, será cantada em poema: «Em contagem decrescente os dias seguem, / A cada um funções se vão atribuindo; / Mapas, ras-cunhos em papéis se desenharam, / Para que tudo resulte e os fins se cumprindo.»⁴⁸

Além disso, a eliminação das missões às sedes da Legião Portuguesa, na Penha de França, e da PIDE/DGS, no Chiado, foi ditada, como relata Otelo, por imposição de Jaime Neves, que as considerava perigosas e só se dispunha a participar no golpe se tais acções não fossem incluídas na lista de prioridades⁴⁹. A expli-

cação dada por Otelo Saraiva de Carvalho no seu livro *Alvorada em Abril* é, pois, substancialmente diferente da que apresentou logo a seguir ao 25 de Abril. Pura e simplesmente, o MFA não tinha os meios necessários para, além de derrubar o Governo, atacar a António Maria Cardoso:

Não dispunha de forças capazes de se fraccionarem para o cumprimento da missão de Caxias, pelo que assumi o risco de não lançar o ataque quer ao Forte quer à sede da DGS na Rua António Maria Cardoso [...], pensando que, com a prisão dos elementos responsáveis do Governo e do Presidente da República, à polícia política não restaria outro recurso senão a rendição total às forças do Movimento, não correndo os riscos desnecessários de uma eliminação física dos presos políticos. Ai deles se tal acontecesse!⁵⁰

Este erro de cálculo do estratega do 25 de Abril custaria a vida a quatro pessoas⁵¹.

Também Salgueiro Maia, em entrevista à historiadora Maria Manuela Cruzeiro, gravada em Santarém em 1991, confessaria que a falta de operacionais foi a causa determinante do protelamento do ataque à sede da DGS:

Os PIDEs que estavam na António Maria Cardoso foram presos mais tarde, porque nós na noite anterior tínhamos pouca força e havia coisas mais importantes para fazer, só no dia 26 de manhã é que a Marinha vai ocupar [...] a António Maria Cardoso e é aí que eles são presos, porque até lá havia forças nas ruas mas não eram suficientes porque eles eram 200 e tal, mantendo apenas as forças indispensáveis para os manter quietinhos mas não tínhamos força para entrar lá dentro. Essa força só acontece com as forças do Regimento de Cavalaria de Santa Margarida e os marinheiros que vão ocupar a António Maria Cardoso.

"MORTE À PIDE!"

foi composto em caracteres Hoefler Text
e Neutra, e impresso na Rainho & Neves,
em papel CoralBook de 90 g,
em Maio de 2019.

